**A TRAGÉDIA COMO REDENÇÃO ESTÉTICA DO NIILISMO**

***George Leite Frexeira Junior***[[1]](#footnote-1)

***George Leite Frexeira***[[2]](#footnote-2)

***Katarine de Lourdes Alves Laroche***[[3]](#footnote-3)

**Grupo de Trabalho (GT 13):** Estética e Ensino Religioso: perspectivas e práticas da arte e sua diversidade

**Resumo**

Este estudo investiga a tragédia enquanto possibilidade de superação do niilismo na pós-modernidade. Por meio de conceitos da filosofia de Friedrich Nietzsche, explora as possíveis relações com a estética do trágico no âmbito religioso. A arte trágica torna-se uma força criativa que impulsiona o indivíduo em direção à afirmação da vida, ao passo que o faz questionar os valores morais e transcendentais. O trágico é interpretado como a própria condição humana em sua contingência e caos. Através de uma leitura crítica da religião tradicional, propõe-se que a arte pode ser tomada como uma via para o ensino religioso, capaz de forjar sentidos profundamente estéticos. Por fim, o escrito sugere que a estética do trágico pode ressignificar a experiência religiosa ao considerar o caos, a contingência e a finitude como uma expressão simbólica.

**Palavras-chave: Tragédia; Estética; Niilismo; Religião; Ensino.**

**1 Introdução**

Desde os primórdios, a arte representa uma maneira demasiada humana de expressar angústias, medos, anseios, aspirações e crenças em seus mais variados sentidos. Assim, o conceito de arte pode ser encarado como uma tentativa de conceber forma ao intangível e ao inominável. Na religião, a arte pode ser vista como intermediadora do homem ao inconcebível, e a ela se entrelaça por seus mais variados símbolos.

O presente estudo possui uma abordagem teórico-conceitual, e sua metodologia respalda-se na crítica filosófica, que busca, sobretudo, uma leitura contemporânea da religião e suas implicações morais e existenciais. Para tal, aborda-se alguns conceitos de Friedrich Nietzsche e suas possíveis relações com a estética do trágico e as ciências das religiões, tendo por intuito investigar a tragédia como possibilidade de superação do niilismo na pós-modernidade, e por conseguinte, o seu potencial estético no âmbito religioso.

A pós-modernidade, marcada pelo secularismo, crises dos valores morais, desencantamento das narrativas religiosas e pelo declínio dos grandes sistemas filosóficos, tem o fazer artístico também questionado. Com respaldo no pessimismo, a concepção artística do trágico enquanto um fazer propriamente humano, comunica uma intencionalidade, uma expressão afirmativa que foge a lógica de busca por verdades e encara, antes de tudo, a condição humana, isto é, o próprio vazio deixado pelo colapso dos valores absolutos.

Se em Nietzsche o impulso artístico é manifestado por meio da estética do trágico, uma forma de autossuperação ao encarar o niilismo, a arte, essencialmente a tragédia, torna-se uma expressão da vontade de poder. A estética do trágico coloca o homem frente a si mesmo, ao deparar-se com a própria finitude. Desse modo, temos como premissa que a arte enquanto redenção do niilismo nos convida a dar novos sentidos a experiência existencial, visto que, é razoável dizer que o único valor que não pode ser avaliado é a própria vida, enquanto existência, pois ela é vontade de poder, é *physis*, e para tal, o próprio acontecer, mas sempre finito e provisório.

Neste sentido, qual papel a religião tem a desempenhar? O que ela pode comunicar por meio da estética do trágico? Partiremos da crítica à religião tradicional e abriremos novas veredas no que concerne a experiência existencial. Enquanto os discursos religiosos tradicionais criam narrativas transcendentes, a arte pode nos oferecer um caminho singular, em uma linguagem que nos é própria. Assim, entendemos que o poético está na capacidade humana de dar forma ao caos.

**2 Fundamentação Teórica**

**2.1 A Poética do Trágico e a Tragédia Grega**

Os antigos gregos entendiam que a tragédia compreende, por excelência, os dilemas propriamente humanos, nela, nossas maiores inquietações, desalentos, vicissitudes e desafios são representados. À vista disso, o teatro trágico grego não contava apenas histórias de profundo sofrimento, mas convidava a uma genuína reflexão sobre a natureza humana quando submetida ao caos e as desilusões. Nietzsche entendia que a forma trágica dos antigos gregos significava aceitar a gratuidade da vida em sua essência mais cruel e inevitável.

Na obra “O Nascimento da Tragédia”, o filósofo entende a tragédia como uma junção entre duas forças opostas que não se anulam: o apolíneo, que estaria respaldado em um ideal de justiça, do belo, do bom, do justo; e o dionisíaco, o que se lançava ao caos, a paixão, ao êxtase e a destruição.

Se o dionisíaco puro é aniquilador da vida, se só a arte torna possível uma experiência dionisíaca, não pode haver dionisíaco sem apolíneo. A visão trágica do mundo, tal como Nietzsche a interpreta nesse momento, é um equilíbrio entre a ilusão e a verdade, entre a aparência e a essência: o único modo de superar a radical oposição metafísica de valores (Machado, 1999, p. 26).

O embate entre o apolíneo e o dionisíaco provoca uma tensão, que para Nietzsche é absolutamente necessária para que haja vontade poder, isto é, vontade de vida. Muito embora, um não pode nunca sobrepor o outro. A tragédia combina a aparência e a essência e concebe uma visão trágica do mundo, que simboliza uma concepção poderosa da condição humana, não se trata de uma oposição à metafísica, mas um entrelaçamento do apolíneo e do dionisíaco, por este motivo, a arte seria a “única atividade propriamente metafísica do homem”, e não uma ideia contemplativa da razão.

Se na tragédia grega Dionísio representava a própria desordem, isto é, a natureza incontida, ele simbolizava o próprio sofrimento da condição humana, a destituição de verdades universais ou ilusões metafísicas. O Elemento central em Dionísio é o próprio caos, a ausência de ordem, que fazia o homem aceitar a dureza da vida e a recorrência do sofrimento como um fardo humano. Para Nietzsche, o grande mérito do homem grego estava na sua capacidade de dar sentido estético ao próprio sofrimento, e não sucumbir perante ele.

O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali, entre ele e a vida, a resplendente criação onírica dos deuses olímpicos [...] De que outra maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao sofrimento, suportar a existência, se esta, banhada de uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades? (Nietzsche, 1994, p. 33-34).

O caráter trágico, representa, portanto, uma parte vital da existência, uma força que nos capacita do ato criativo e a suspeitar de toda sorte de ilusões. Em Nietzsche, a tragédia significa coragem frente ao choque da destruição de valores, e possui uma função muito própria que a religião tradicional não é capaz de desempenhar, visto que, ela volta-se a confortar ou redimir os indivíduos, em promessa de vida eterna. É preciso coragem para pensar em um mundo que não é regido por fundamentos metafísicos.

**2.2 O Trágico como Resposta ao Niilismo**

Em Nietzsche, o niilismo significa que os valores se desmoronaram, que os sentidos se vão, e que falta o fundamento de toda busca por verdades universais. Niilismo é a percepção de que os valores tradicionais e as narrativas transcendentais, que sempre sustentaram os pilares da razão, chegaram ao seu fim. Todavia, não representa apenas uma crise moral, mas uma crise estética e existencial, visto que, ideias como, a verdade, o bem, a beleza e a justiça são postas à dúvida, assim como a reavaliação da capacidade humana de criação de valores e de atribuição de significados a eles.

A tragédia, por outro lado, oferece respostas a questão do niilismo que escapam à lógica da redenção ou transcendência. O trágico é paradoxalmente uma maneira encontrada de resistir ao niilismo, uma vez que, se trata da afirmação da vida, em todo o seu esplendor e caos, em meio ao seu absurdo de gratuidade, fragilidade e contingência. O sentido de experiencia estética da arte trágica trata-se, antes de tudo, de uma poderosa concepção poética do existir.

A tragédia no sentido grego clássico nos ensina a viver com a incerteza, com o sofrimento e com a falta de sentido como elemento constitutivo da vida; ela não nos convida a fugir dessas realidades, mas a abraçá-las e, através da arte, transformá-las em algo profundamente humano e estético.

Quando o homem percebe que falta o fundamento, depara-se com a profundidade do caos existencial. O trágico parece ter o que comunicar, pois, quando o sujeito encara o colapso dos valores do que lhe servirá a religião? Todavia, se a expressão religiosa, para além do que comunica um sentido metafísico e transcendental, compreende que o sujeito pode encontrar sentido até mesmo na falta de sentido, o possibilita encarar o profundo vazio deixado pelo colapso dos valores e dos fundamentos universais.

Nietzsche, ao criticar toda a tradição filosófica metafísica, e por conseguinte, contemplativa da razão, ensina que a suprema valorização da dialética grega coloca o conceito à frente do instinto, o que se torna profundamente problemático quando é a arte que está em jogo. “O socratismo despreza o instinto e com isso a arte. Ele nega a sabedoria justamente lá onde ela está em seu reinado mais próprio” (Nietzsche, 2005, p. 42).

Se toda certeza é sintoma de ideologia, onde reside certeza existe uma ideia contemplativa da razão, isto é, da verdade, o que nos abre a uma crise retórica dialética, a uma carência no que concerne a dúvida. Se nossa própria existência figura-se como finita, o que nos faz pensar que nossas crenças e valores são eternos? E se a função da religião estiver condicionada à cultura, aos nossos valores, dogmas e as nossas leituras de realidade?

O que Nietzsche concebe como trágico é uma espécie de *páthos* frente ao dionisíaco, é tornar a própria finitude algo quase divino, o sagrado está na brevidade do agora, no instante, na nossa fragilidade e vontade de potência frente à vida. Em “Ecce homo” é explicado o que consiste no cerce do trágico quando relacionado à vontade de vida:

O dizer sim à vida, até mesmo em seus problemas mais estranhos e mais duros, a vontade para a vida, que se alegra em sua própria inesgotabilidade até mesmo no sacrifício de seus mais altos tipos – foi isso que eu chamei de dionisíaco, foi isso que eu entendi como ponte para a psicologia do poeta trágico (Nietzsche, 2003, p. 86).

Enquanto a religião servir de instrumento de controle e domínio político, a abertura para criação de novos sentidos estará inoperável. É preciso pensar no conceito de religião para além do fundamentalismo tradicional, abandonar a ideia dogmática de religião como fonte objetiva de verdade transcendente, e a encarar como uma possibilidade de expressão estética e simbólica. É possível fazermos uma leitura da religião em seu aspecto dionisíaco, enquanto êxtase e paixão, integração com o mundo natural, celebração da vida, aceitação do caos da contingência e o abandono constante de certezas em busca de superação.

Por fim, a arte representa a afirmação do que há de essencialmente humano, a capacidade de atribuir sentidos, e quando dotada dessa perspectiva estética trágica, pode promover uma reconciliação do homem com a natureza, como permanente possibilidade criativa, enquanto existir-se vida.

**2.3 A Estética do Trágico e o Ensino Religioso**

A religião fornece respostas aos questionamentos humanos em grande escala, desde a própria origem, perpassando pelo sentido da vida, da morte e o que se segue a ela. Por sermos indivíduos simbólicos, o simbolizar pode acabar se tornando uma atitude inerente a nós. Mas, a pergunta que nos cabe é, de que forma a religião poderia ser bem sucedida com o seu propósito? Pelos seus elementos. Não há uma definição universal para categorizar religião, mas é possível destacar alguns pontos, tais como a experiência religiosa, ritualística, ética, crença e senso de comunidade. No entanto, é no cerne do que compõe a própria religião que muitas vezes é encontrado a sua ruína, como por exemplo a narrativa da verdade.

A verdade é uma das bases que sustenta a religião, portanto, é encarada como impenetrável, se caracteriza como a mantenedora do ininteligível ao humano, ela basta em si mesma e a partir dela há de seguir uma diretriz capaz de conduzir a vida e o viver do ser humano em todos os níveis possíveis. Ao mesmo tempo em que a religião é colocada como mediadora entre o humano e o divino, deixa lacunas que tornam a experiência da própria religião insuficiente para os sujeitos: dogma, enquanto o suprassumo da onipotência e evidência divina, inquestionável e inalcançável. A partir desta constatação, nos deparamos com o momento pelo qual a religião “falha” em seu papel, por isso, indaga-se: poderia o trágico substituir a espiritualidade?

Ao contrário da religião, diante de uma crise existencial, moral ou de cunho espiritual, a tragédia apresenta uma perspectiva que permite ser possível encontrar sentido na vida sem refúgio no transcendental religioso. Primeiro, entende-se que o indivíduo está à mercê do acaso e enfrenta de forma direta tudo o que se manifesta, a fragilidade do existir, dores e prazeres, caos e alento, entre outros. A tragédia ensina o reconhecimento da vida como ela é, sem fugas. E a partir desta “contemplação”, encontramos a estetização da relação entre o ser humano e o divino. Nesta perspectiva, a arte puramente humana, apresenta em sua força motriz a criatividade e o simbolismo como parte da sua base, e é através dela que o ser humano pode encontrar sentido de vida. Falamos na tragédia, mas, e para Aristóteles, o que a compõe como tal? De acordo com Alexandre Alkimim:

Para Aristóteles, a tragédia clássica grega deve cumprir três condições: ter personagens de elevado destaque (heróis, deuses e reis), possuir uma linguagem elegante e digna e apresentar um desenlace que sempre redunde no sacrifício e/ou na destruição dos seus personagens. Ademais, a tragédia visa provocar nos seus espectadores o que Aristóteles chama de katarsis, ou simplesmente catarse, a profunda compaixão e o envolvimento emocional da plateia com a encenação e o destino de sofrimento reservado ao herói da peça. Para o filósofo, o teatro realiza uma função pedagógica precípua, a de educar emocionalmente o indivíduo (Alkimim, 2015).

Ao se tratar do ensino religioso, a tragédia pode ser apresentada também como um mundo que oferece sentido, no momento em que a decadência de cunho espiritual, moral e existencial tomam forma. Vale a pena salientar que a religião e a tragédia podem se complementar, respectivamente nos âmbitos de ordem divina ou transcendental e humana. No ensino, de modo didático, uma forma de abordar os conflitos trágicos é trazer uma tragédia em sala, realizando pontes com conteúdos filosóficos, com a cultura grega clássica e a religião. Segundo Irigaray de Bem (2020) “Das trinta e uma tragédias que chegaram inteiras até nós (sete de Ésquilo, sete de Sófocles e dezessete de Eurípedes), muitas se destacam por apresentarem questões filosóficas em seu enredo”. A partir da tragédia escolhida, nos deparamos com alguns elementos que vão desde violência, dinâmicas de poder, questões éticas e a debates sobre a verdade; temas que permitem a possibilidade de que um caminho em busca de sentido seja trilhado. É por meio do entendimento simbólico da tragédia que é possível alcançar a base, o *ethos* de uma cultura. Conforme Junqueira et al (2008) “O símbolo convida a instância psíquica da consciência a se relacionar com ele, não somente aceitar uma significação usualmente constituída, mas descondensar-se em uma consciência mais ampla”, ou seja, se tratando da tragédia, essa relação pode ser feita por meio da contemplação, interpretação ou representação.

Em suma, a tragédia oferece sentido onde a religião omite de modo consciente ou inconsciente com a finalidade de se manter operante no âmbito do transcendente. A fé, ocasionalmente, fornece soluções apaziguadoras na vida, mas torna possível a fuga do sofrimento? A tragédia, no entanto, não foge necessariamente à busca por fundamentos, ela nos faz encarar, antes de qualquer aspiração, metafísica ou não, o próprio sofrimento e a condição humana. Nos força a encarar a finitude, afim de alcançar um sentido que vá além de respostas pré-fabricadas. A tragédia em seu cerne abriga um grito opositor contra uma ordem já consolidada que muitas vezes existe para silenciar o outro, ela alimenta a procura por sentidos únicos e subjetivos, possibilitando assim a soltura das amarras impostas pela fé.

**3 Resultados e Discussão**

A poética presente na tragédia grega propõe uma alternativa estética à crise do niilismo, que envolve não somente a religião, mas todo e qualquer fundamento e valor moral. O caráter artístico do trágico sugere valorizar a vida em suas mais variadas imperfeições, sempre incontida e caótica. A tragédia, quando encarada como reflexão, aceitação e busca por sentido, oferece outras concepções para o ensino religioso, fundamentada na crítica à razão e a fundamentação de valores tidos como finais e universais, e isto potencializa o ensino religioso para além das leituras tradicionais da religião.

**4 Considerações Finais**

Na pós-modernidade, portanto, a arte trágica nos apresenta uma experiência existencial estética e poética, frente ao perspectivismo da filosofia pessimista. Muito embora, o trágico não deve ser encarado como resignação passiva frente ao sofrimento humano, mas como potencialidade criativa. Desse modo, essa leitura artística do trágico propõe oferecer redenção por meio da arte e a coragem de encarar a falta de fundamentos universais, isto é, a própria dureza e gratuidade da vida, ao confrontar a natureza da realidade, que nos é acessível pela experiência sensível, em sua mais brutal condição, a condição humana, finita e provisória; o que possibilita ao homem uma transvaloração de valores, ao encontrar um sentido propriamente único e profundamente estético na contingencia da vida, de maneira a ressignificar a experiência existencial.

**Referências**

ALKIMIM, Alexandre Flores. **Sobre a arte da tragédia grega**. Boletim da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 42, n. 1915, 2015. Disponível em: https://www.ufmg.br/boletim/bol1915/2.shtml. Acesso em: 23/08/2024.

BEM, Tiago Irigaray de. **A tragédia grega como recurso didático**. Revista Digital de Ensino de Filosofia – REFilo, v. 6, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/37122/pdf. Acesso em: 23/08/2024.

BIACA, Valmir; SOUZA, Elson Oliveira; SCHLOGL, Emerli; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; SANT’ANA, René Simonato. **O sagrado no ensino religioso**. Curitiba: SEED – Pr., 2006. 136 p. (Cadernos pedagógicos do ensino fundamental, v. 8). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\_pedagogicos/caderno\_er.pdf. Acesso em: 23/08/2024.

MACHADO, R. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo:

Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_\_. **A visão dionisíaca do mundo**. Tradução, notas e posfácio de Maria Cristina dos Santos de Souza e Marcos Sinésio Pereira Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_\_. **Ecce homo**. Tradução e organização de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

1. Doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); contato: [georgefrexeiraj@gmail.com](mailto:georgefrexeiraj@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); contato: [georgefrexeira@gmail.com](mailto:georgefrexeira@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Licenciada em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); contato: [katarinelaroche0@gmail.com](mailto:katarinelaroche0@gmail.com) [↑](#footnote-ref-3)